

GIAMBATTISTA VICO E EUROPA: Ciência da Lira e das Nações

por Rodrigo S. Cunha *

À Sofia

Começamos por tomar emprestada ao autor da *Scienza Nuova* a imagem com que, na sua *Vita*, designa os *Pensées* de Pascal, *lumi sparsi*, que serão aqui uns tantos pontos de vista de alguns ilustres leitores europeus do platónico partenopeu, demasiadas vezes denominado *obscurus*.¹

Esse “homem misterioso” (como o designa Antero de Quental, em 1866), que teve, entre outros, o dom da profecia retrospectiva, não poderia talvez imaginar até que ponto o mal-entendido perseguiria a sua obra ao longo de mais de dois séculos e meio, ainda que não pouco da obscuridade desta, deliberada, tivesse em vista reproduzir o eco e os reflexos, entrecortados no claro-escuro do tempo, das cisões que as idades do homem assinalam sobre a terra.²

Assim, era natural que fossem os *philosophes* iluministas a dicionarizá-lo como o “ilegível” e “confuso” professor de eloquência da Universidade de Nápoles, primeiro doutrinador anti-cartesiano, ao que então mais parecia importar, estranho inimigo da *rationalité*, autor ainda de uma teoria dos ciclos históricos, quando não o “fundador da filosofia da história”, que anteciparia em parte algumas “teorias” do romantismo, em parte outras do fundador do positivismo. E a pouco mais do que isto se resumem, da primeira metade do século XVIII a esta parte ainda, a generalidade dos verbetes sobre o filósofo italiano. Isto no tocante à superfície.

Todavia, ainda em 1841, o viajado Visconde de Sernancelhe José da Gama e Castro, colocava estas considerações aos pés de *O Novo Príncipe*:

“Entre os mais recomendáveis publicistas que escreveram pelos princípios do século de setecentos, há um quase de todo desconhecido, ainda entre os seus, porque a muita originalidade com que escreve o torna obscuro, e exige, para cabalmente compreendê-lo meditação e estudo. Chama-se João Baptista Vico. De todos os escritores de que até agora me tem chegado notícia, nenhum me parece haver tratado com tanto conhecimento de causa da origem das línguas, da formação das nações, e de muitos outros objectos não menos curiosos que interessantes.”³

* Mestre em Filosofia pela Universidade Católica Portuguesa – Lisboa.

¹ A obra principal de Giambattista Vico (23.6.1668-23.1.1744), a *Scienza Nuova*, conheceu três edições, em 1725, 1730 e 1744, esta última, de referência habitual, pouco depois da morte de Vico, que até então modificou e acresceu substancialmente a sua *scientia*, justificando a distinção, por ele próprio sugerida na *autobiografia*, *Vita* (1725-1731), entre *prima*, *secunda* e enfim, última *S. N.* A edição consagrada das *opere* de Vico é a de Fausto Nicolini (8 vols., Bari, 1914-1941), com colaboração de Croce e de Gentile.

² “A maioria dos homens teme a obscuridade. São como aquele que numa floresta imensa, cheia de sombras, se não aventurasse a transpô-la ainda mesmo pressentindo que para além dela está o sol. Os homens não se aventuram na obscuridade e na sombra, senão porque guardam a certeza de que vivem na luz. Mas essa persuasão de que vivem na luz nasce apenas das pequenas exigências do seu espírito. Mas a todos a dura experiência da vida guarda a revelação de que a sua luz não é luz” (José Marinho, *Ensaio de Aprofundamento e outros textos*, Ed. J. C. Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995, p. 49).

³ Gama e Castro, *O Novo Príncipe*, Lisboa, Pro Domo, 1945, p. 53, nota.

É à terceira leitura que, segundo Vico, se *entra* na *Scienza Nuova*, ainda que, por outro lado, o número de pontos de vista *patentes* nessa obra seja quase inexaurível. Jules Michelet, que desde 1824 apresentou o pensamento de Vico à Europa do século XIX, escreveu:

“No vasto sistema do fundador da metafísica da história, existe já, pelo menos em germe, todo o trabalho da moderna sabedoria. Como Wolf, disse ele que a *Iliada* era o trabalho de um povo, seu trabalho erudito e última expressão, depois de muitos séculos de inspirada poesia. Como Creuzer e Görres, interpretou as figuras heróicas e divinas da história primitiva como ideias e símbolos. Antes de Montesquieu e Gans, mostrou como o direito surge dos costumes de um povo e representa fielmente cada etapa da sua história. O que Niebuhr encontraria após vastas pesquisas, foi adivinhado por Vico; ele restaurou a Roma dos patrícios e fez viver de novo suas *curiae* e suas *gentes*. Certamente, se Pitágoras recordaria ter lutado sob as muralhas de Tróia numa vida anterior, esses ilustres germanos podiam ter lembrado haverem todos eles vivido anteriormente em Vico. Todos os gigantes do criticismo estão já contidos e sobra lugar, no pequeno pandemônio da *Ciência Nova*.”⁴

Um dos jovens discípulos de Michelet, entre os muitos que por aqui encontrou o mestre humanista francês, Oliveira Martins, escreveria em 1872:

“Presidindo à descoberta da psicologia metafísica, feita pela filosofia alemã, presidindo à teoria da economia social feita pela raça anglo-saxónica, presidindo à escola histórica, Vico aparece aos olhos do historiador como um destes espíritos gigantes e precursores que, pela própria força e liberdade, determinam e descobrem, indicam e registam, os caminhos diferentes que a humanidade tem de seguir dentro do ciclo que uma concepção determinada do todo ilumina.”

A apresentação de Vico ao século XX, coube ao admirável esforço do seu conterrâneo Benedetto Croce, promotor, desde 1904, dos *studi vichiani*, movendo o filósofo idealista italiano a ideia de se encontrar no pensamento de Vico o *século XIX em germen*.⁵

Michelet escrevera: “A palavra da *Scienza Nuova* é esta: a humanidade é a sua própria obra.”⁶ E é talvez este mote do romantismo liberal do historiador da Revolução que define todo um ciclo hermenêutico, mais aparente, da obra do luminar napolitano, e que, passando por Croce, vem até aos nossos dias.

Este juízo do autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, José Marinho, juízo relativo ao *Sistema dos Mitos Religiosos*, de Oliveira Martins, vale, todavia, para o referido ciclo hermenêutico: “Não vê que os mitos assinalam, entre brumas, três idades: a divina, a cósmica, a simplesmente humana.”⁷

Um século depois daquelas palavras de Oliveira Martins, atrás citadas, escrevia o filósofo lusitano:

“Se os portugueses tivessem sido atentos ao que ocorreu na Itália, após o profundo e pletórico Renascimento, particularmente com o pensamento de Vico e a meditação do

⁴ Do prefácio da sua *História de Roma*, citado por Isaiah Berlin, *Vico e Herder*, Brasília, Ed. Universidade de Brasília, 1982, p. 91.

⁵ Cf. Croce, *La filosofia di Giambattista Vico*, Bari, Laterza, 1911.

⁶ MICHELET, J. *Oeuvres choisies de Vico*, Paris, Hachette, 1835.

⁷ MARINHO, J. *Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981, p. 38.

tempo e da história, do mito e da simbólica na *Scienza Nuova*, os nossos próprios caminhos ter-se-iam esclarecido. Mas não é impossível hoje regressar ao ponto de meditação que dizemos crucial.”⁸

Reiteradamente afirmou Vico que uma das principais descobertas da *Scienza Nuova* e aquela que precisamente a converte em ciência, é a de uma *história ideal eterna* percorrida no tempo pelas nações. Segundo ele, o “curso” efectuado por estas, de que Roma é caso paradigmático, compreende três diferentes tipos de *tempo*, como de *naturezas*, três espécies de *costumes*, como de *direito natural*, três *Estados civis* ou *Repúblicas*, três tipos de *jurisprudência* assistida por três diferentes espécies de *autoridade*, três tipos de *razões e juízos* e três diferentes formas de *linguagem*.⁹ Se da idade histórica, a dos homens, é próprio o *pensamento discursivo*, estruturado por *géneros inteligíveis* ou *abstractos*, manifestos na racionalidade da filosofia e da ciência, já as outras duas idades fundamentam-se nos *universais imaginativos* ou *fantásticos*, que a *lógica poética* da *Scienza Nuova*, adunando-se à *sapiência poética*, deixará entrever como o próprio do *mito* e da *fábula*. A arqueologia do génio partenopeu procurará demonstrar, com efeito, como à *fábula*, posterior ao mito, corresponde, de acordo com a remota tradição, a *vera narratio*, a *fala* de outrora, característica das formas primeiras do ser e do saber, em cujo centro luz a *sapiência poética*. Esta, segundo Vico, é a *chiave maestra* da *Scienza Nuova*.

A *Scienza Nuova* de Giambattista Vico, que meditou “sobre os mistérios que as tríades de longe procuram significar e até exprimir” (Álvaro Ribeiro)¹⁰, é assim obra de tripla dimensão hermenêutica, correspondente aos três níveis de leitura para que esse livro, a nosso ver, aponta. São estes, em primeiro lugar e para a época em que Vico foi chamado a viver, decerto ainda a nossa, o de uma antropologia humanista, o de uma ontologia nobiliárquica e o de uma teologia providencialista; esta, princípio e fim de toda a verdadeira *scientia*.¹¹

A alta concepção do modo como a vera tradição humanista - isto é: a *scientia de rerum divinarum et humanarum* - culmina na *Scienza Nuova*, para ser justamente atendida, deve ser identificada com o tipo da acção prudencial entregue às mentes heróicas, cuja vigilância procura cumprir os desígnios da providência, salvaguardando o *sensus communis*, ou sentido comunitário, para bem da *humanitas*, de acordo com a *vis veri* da *heroica sapientia*.

A sua obra maior, dedicou-a Vico a Igreja e às Academias da Europa.

No *De mente eroica* (1732), o pensador europeu identifica a *sapiência* e a *verdadeira educação* com a *visão do todo* (“flor da sabedoria”). Também aí se pode ler que “o herói é aquele que aspira ao sublime.”¹²

Em Descartes, que Vico acusou de *confondere l'essenza con l'esistenza, confondere ciò che è con ciò che esiste*, viu ele, entretanto, a moderna recorrência do mote estoíco da razão individual como *regula veri*, espécie de antropometria relativista cujo tipo de efeito, dubitativo e céptico, corrosivo do senso comum, levou à anarquia e à destruição das antigas

⁸ MARINHO, J. *Filosofia: ensino ou iniciação?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1972, pp. 47-48.

⁹ *Scienza Nuova*, IV, § 915.

¹⁰ RIBEIRO, A. *Os positivistas*, Lisboa, Guimarães, 1951, p. 59.

¹¹ “*Scientia debet esse de universalibus et aeternis*”, axiomatiza Vico, recordando a *Metafísica* de Aristóteles (*Scienza Nuova*, I, 2, XXII, § 163).

¹² Nas palavras do *De mente eroica*: “*Heros enim philosophis definitur: qui sublimia appetit.*”

nações. Segundo Vico, a humanidade desapareceu, dando lugar a uma “bestial barbárie”, onde desapareceram os três pilares do senso comum que em todos os tempos e lugares *fizeram a humanitas*: a crença numa *providência*, guardiã da humanidade, que as religiões testemunham; a existência de *bodas solenes* (assinalando a conversão das paixões na promoção e bem social) e de *cerimónias fúnebres* (testemunho da crença na imortalidade da alma e testemunho de memória). Por aqui se pode avaliar o estado de qualquer nação. Por isso, a propósito de Descartes, esse Protágoras de Vico, advertirá este que a “ordem dos cépticos, inútilíssima às sociedades humanas, porque de tudo duvida”, aniquilando “aquele senso comum, de que todas as coisas dependem, sobre aquilo que é conveniente”, “em breve e cada vez mais, veremos os grandes danos que acarreta o *sensu proprio* tornado regra e medida de verdade.”¹³ Senso comum *versus* cogito, pois.

“A minha filosofia não considera senão grandezas, figuras e movimentos, como faz a mecânica”, escrevera Descartes (numa carta a Plempius), o mesmo Descartes que, cita-o Vico em 1712, afirmara que “saber latim não é saber mais do que sabia a serva de Cícero”. De razoabilidade duvidosa, no mínimo, se afiguraria, pois, ao *oratore*, professor de eloquência da Universidade de Nápoles (durante quarenta anos), o projecto iluminista de lançar para trás das costas a memória de séculos e “refazer de novo o espírito humano”.

A simples capacidade de colher, pela tópica, os pontos altos para um argumento de pleito, de fito político, ou sacramental, de ilustrar semelhantes pontos com exemplos extraídos da história da jurisprudência ou das artes poéticas, de feitos ilustres, de provérbios ou mesmo do *ingenium* da *inventio*, de sintetizar a informação na beleza e prudência de uma oração de verosimilhança convincente, capaz de harmonizar o senso comum de partes discordantes ou de comover uma nação; tudo isto era visto, pela burguesia e plebe intelectual, simplesmente como algo inferior e irrelevante, ou seja, como “não-científico”, quando não invalidado porquanto “não-moderno”.¹⁴

Também por isso, referiu Vico a possibilidade da recorrência de um lamentável *facto histórico* motivado pela *barbarie della riflessione*, que, ao *istrapazzar le sostanze*, ao destruir, pelo cepticismo, a substância espiritual que sustenta o senso comum humano e ao conduzir “à malícia, à mentira, à solidão de espírito e de vontades e à anarquia, fazendo das cidades selvas”, lançou mais de uma vez os homens numa desumana animalidade.¹⁵

Na verdade, parece terem-se debatido sempre, nos momentos mais problemáticos da Europa, esses dois paradigmas do “humano”: o tipo pragmático do ilustrado urbano de razão crítica, sujeito epistemológico afeito a métodos, e o tipo intuitivo do indivíduo noético, contemplativo ou de acção, o inventivo da imaginação criadora. O século dos *philosophes* é avaro em poetas (que parece terem então chamado os *músicos* a ocupar o seu

¹³ Cfr. *Risposte* (1711-1712) e ainda, para a polémica com Descartes, *De nostri temporis studiorum ratione* (1708) e *De antiquissima italorum sapientia* (1710).

¹⁴ “Modernitas” é, como se sabe, vocábulo aparentado com “modo”, “medida”, “moda”. Vico lamentava a pobre Nápoles dos seus contemporâneos, “nella quale, come moda di vesti, si cangiava ogni due o tre anni gusto di lettere” (*Vita*) – sentindo talvez, como Leopardi, que “a moda é a mãe da morte”.

¹⁵ *Scienza Nuova, Conchiusione*, §§ 1106-1107. No *Diritto universale* (1722) podem ler-se estas palavras: “A natureza do homem não consiste em que este ou aquele homem se faça um lobo para o homem, mas em decretar que todo o homem é um Deus para o homem.”

lugar). No mundo de hoje, cartesiano, onde as máquinas que o filósofo francês sonhou um dia poderem andar e falar, se nos atravessam no caminho, a situação mantém-se, porém, quanto aos princípios.

Consistindo a *Ciência Nova*, entretanto, numa teoria da interpretação da *história das ideias*, segundo reiterada expressão do autor, na concepção que aí figura do principal veículo hermenêutico, que é a linguagem, a metáfora (“o mais luminoso dos tropos”) surge como uma *pequena fábula*, “non essendo altro l’uomo, propriamente, che mente, corpo e favella, e la favella essendo come posta in mezzo alla mente ed al corpo.”¹⁶ Ao moderno racionalismo contraporão a psicologia genética e a sociologia do conhecimento da *Scienza Nuova*, fundamentando-se na *traditio*, a designação medieva do *homem fantástico*, invocada no sentido de *inteligência*, para o *homem de espírito*, para o *gênio*, que é como a *Scienza Nuova* vislumbra o *homem primevo* no exercício da sua operação primeira, a *imaginação*. Esta, por seu turno, é actuante num mundo povoado de *universais poéticos* que, sublinha-o Vico, ao homem moderno é inteiramente vedado *penetrar*, tão simplesmente por não dispôr dos *robustos sentidos* e da *vasta imaginação* desses antepassados, por vezes inumanos. O título da *Scienza Nuova*, que não é alheio a Dante, ilustra a esperança do seu autor na devolução, deposta nas mãos do *homo imaginális*, do mundo *sub specie qualitatis*, capaz de vivificar o *homo mechanicus*, cuja cegueira é a oposta de Homero.

Segundo Vico, conhecedor de remota tradição que no Ocidente passa pelo *Timeu* de Platão, como pelas grandes narrativas das míticas viagens religiosas a outros mundos, a verdadeira compreensão da história ideal eterna implica a investigação das modificações da nossa mesma mente, *dovendosi ritruovare la guisa dentro le modificazione della nostra medesima mente umana*.¹⁷

A arquitectónica enciclopédica da *Scienza Nuova*, desde a pintura hieroglífica do frontispício, reflecte a estrutura e o movimento da pauta da história ideal eterna no tradicional número de actos de uma peça de teatro (cinco), número que é também, ainda para o neoplatonismo da renascença, o da reconciliação. A barroca dialéctica tridélica espiralada desse livro maior do século XVIII, se assim nos podemos exprimir, invocando três idades e modos de compreensão, tem perspectiva e ponto de fuga privilegiados, bem entendido, *in excursus*. No desenho da *storia*, o ritmo pulsátil desta, na imagem extraída da medicina pitagórica, é de sístole e diástole (arquétipo, aliás, reavivado pela moderna teoria da circulação do sangue), ora centrífuga ora centrípeta. Pelo que imagem ideal será talvez a de um *tornado* cujo vértice (*axis mundi*) ora sobrestá ao alto (heroísmo arquipoético; na bela expressão de Vico, *contemplazione del cielo fatta con gli occhi del corpo*), ora em baixo, *substante* (modernidades reiteradas). *Scientia operatrix, scientia das urbes, artes e scientiae, de omne re scibili*, a *Scienza Nuova* é proposta na convergência de contemplação e acção, vendo-se, platonicamente, *perfezionatrice dell’uomo. Verum et factum convertuntur*.

Na medida em que a herança evocada por Vico, através de uma especial *ars reminiscendi* voltada para a *sapientia universalis*, repõe a partir da *Scienza Nuova* a relação da tradição ocidental com a primordial *sapiência poética*, ela liga-se, de novo, à imarcescível *aura regio* antiquíssima. Depois de Orósio, depois de Bossuet, e para trás destes, a ínsula da

¹⁶ *Scienza Nuova*, IV, § 1045.

¹⁷ *Ibid.*, I, 4, § 349. A *Scienza Nuova* é, neste sentido, uma viagem histórico-pessoal.

Scienza Nuova emerge, inesperada, no insondável oceano da *scientia providentiale*, como reluzente elo dessas cadeias de ouro poético que sempre fazem a Europa pensar.

Um dos primeiros autores europeus a citar Vico com conhecimento de causa, o conde Joseph de Maistre, escreveu:

“Attendez que l’affinité naturelle de la religion et de la science les réunisse dans la tête d’un seul homme de génie: l’apparition de cet homme ne saurait être éloignée; et peut-être même existe-t-il déjà. Celui-là sera fameux et mettra fin au XVIIIe siècle qui dure toujours ... Alors, toute la science changera de face: l’esprit, longtemps détroné et oublié, reprendra sa place. Il sera démontré que les traditions antiques sont toutes vraies; que le Paganisme entier n’est qu’un système de vérités corrompues et déplacées; qu’il suffit de les nettoyer pour ainsi dire et de les remettre à leur place pour les voir briller de tous leurs rayons. En un mot toutes les idées changeront.”¹⁸

Ao silêncio em torno da *Scienza Nuova*, digno de ponderação, não obistou o juízo de um censor real (Lorenzo Giustiniani: “un libro il quale diede luogo a segnare un’epoca molto infelice in Europa”)¹⁹ que fosse obra sempre lida, ao contrário do que poderia parecer, constituindo mesmo uma das obras cronologicamente pós-medievais e à altura do maior Ocidente, discretamente mais influentes entre os mais renomados pensadores divulgados. Antonio Conti recomendou o livro de Vico a Montesquieu em visita a Veneza, em 1728.²⁰ Pagano, Cesarotti, Antonio Genovesi, Galiani foram publicando partes da obra do amigo de Gravina e de Muratori. J. G. Hamann encomendou a livro de Vico em 1773, escrevendo sobre ele ao jovem Herder nos finais do mesmo ano.²¹ Se nas obras de ambos se poderá testemunhar o reconhecimento do que Vico designou a principal descoberta da *Scienza Nuova*, a verdade poética (“Poesie ist die Muttersprache des Menschengeschlechts”), particularmente na obra de Herder (que, no entanto, só mais tarde celebrará Vico), como aliás na de Montesquieu, folheiam-se por vezes páginas de textualidade quase idêntica à do napolitano. Em 1787, Filangieri, discípulo de Vico, ofereceu a Goethe em Itália um exemplar da *Scienza* do *Alfàter* itálico²², onde Goethe distinguiu “pressentimentos sibilinos, fundados numa austera meditação da tradição e da vida.” Passou a obra a Jacobi que, com Baader, a considerou uma antecipação do método transcendental de Kant. Wolf e Niebhuur deram indícios de reconhecimento da antecipação do historiador itálico relativamente a algumas das suas principais teorias acerca de Homero e de Roma²³ e Savigny mencionou o seu “génio profundo”.

Foi na sequência da aniquilação da revolução liberal, na Nápoles de 1799, contra a invasão francesa, que o napolitano Vincenzo Cuoco, em eloquentes homilias, explicou aos inimigos as dificuldades de transferir instituições de uma sociedade para outra, visto

¹⁸ Passo das *Soirées de Saint-Petersbourg*, citado em epígrafe por Mark Lilla, *G. B. Vico: The Making of an Anti-Modern*, Cambridge, Harvard University Press, 1994.

¹⁹ Cf. Croce, *op. cit.*, p. 288.

²⁰ Conselho que o autor do *Esprit des lois* seguiu, visto encontrar-se na sua biblioteca do castelo de La Brède um exemplar da *Scienza Nuova*, naturalmente de 1725.

²¹ Em carta de 22. 12. 1773.

²² Assim o designa Goethe, desejando que um dia Hamann representasse o mesmo para os germanos (*Die Italienische Reise*, 5.3.1787).

²³ Cfr. Croce, *op. cit.*, pp. 248, 285-6, 291, 306 e I. Berlin, *op. cit.*, XIII, p. 90.

ter cada qual suas específicas leis orgânicas, invocando então o nome e textos de Vico, desta feita nacionalista antijacobino, ainda que gradualista e moderado. Mais de meio século depois da sua morte, é a propaganda da Restauração que, alinhando-o na corrente de Marsílio e Maquiavel, murmura o seu nome pela Europa. Exilados italianos, como Ugo Foscolo e Manzini, introduzem-no em Inglaterra, onde Coleridge o cita, em 1816, honrando a sua memória ao mostrar meditação de passos fundamentais da *Scienza Nuova*. Em França, Chateaubriand, Stendhal, Balzac, Hugo, Baudelaire, Flaubert, leram-no, encontrando-se com frequência “temas viquianos” desenvolvidos nas suas obras.

A norte, Novalis recria ambientes com o sabor das doutrinas de Vico.²⁴ Eduard Gans apontou no filósofo italiano, em 1837, um dos precursores do seu mestre, Hegel (que anotou uma edição da primeira tradução alemã da *Scienza Nuova*, aparecida em Berlim, em 1822, embora seja de crer, pelos dados aqui mencionados, que a conhecesse há mais tempo). A filosofia da identidade, de Schelling, está antecipada na obra de Vico.²⁵

Michelet, o mais engenhoso promotor da *Scienza Nuova*, conheceu-a através de uns cursos de Claude Fauriel sobre os mitos na poesia provençal (antes da sugestão de Victor Cousin)²⁶, confessando ter-se sentido, ao lê-la, como Dante levado por Virgílio para um mundo sobrenatural (“a tenebrosa grandeza”, “o braço de ouro”). O título da sua tradução do principal livro de Vico, em versão reduzida mas elucidativa, *Principes de la philosophie de l'histoire* (1827), definiu em não pequena medida, para estes dois séculos, o campo hermenêutico da *Science nouvelle*. No prelúdio desta, o *Discours sur le système et la vie de Vico*, escreveu Michelet:

“Son système nous apparaît, au commencement du dernier siècle, comme une admirable protestation de cette partie de l'esprit humain qui se repose sur la sagesse du passé, conservée dans les religions, dans les langues et dans l'histoire, sur cette sagesse vulgaire, mère de la philosophie et trop souvent méconnue d'elle. Il était naturel que cette protestation partit de l'Italie [...]. L'Italie méridionale particulièrement conservait ce goût d'universalité qui avait caractérisé le génie de la Grande-Grèce. Dans l'antiquité, l'école pythagoricienne avait allié la métaphysique et la géométrie, la morale et la politique, la musique et la poésie. Au XIIIe siècle, l'Ange de l'école avait parcouru le cercle des connaissances humaines pour accorder les doctrines d'Aristote avec celles de l'Église. Au XVIIe, enfin, les jurisconsultes du royaume de Naples restaient seuls fidèles à cette définition antique de la jurisprudence: *scientia rerum divinarum atque humanarum*. C'était dans une telle contrée qu'on devait tenter la première fois de fondre toutes les connaissances qui ont l'homme pour objet dans un vaste système, qui rapprocherait l'une de l'autre l'histoire des faits et celle des langues, en les éclairant toutes deux par une critique nouvelle, et qui accorderait la philosophie et l'histoire, la science et la religion.”

²⁴ De Novalis, ver, por exemplo, nos *Hinos à Noite* (tradução de Fiama Hasse Pais Brandão, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988, pp. 37-39), o princípio do hino V.

²⁵ Georges Gusdorf: “Vico n'a pas seulement proposé, le premier, un *Esprit des civilisations*, on peut retrouver dans son oeuvre des inspirations qui évoquent par anticipation la philosophie de l'identité selon Schelling, le sujet humain et l'objet naturel proposant des exposants d'un même devenir de la réalité fondamentale. La doctrine de l'incarnation de l'Esprit, dont Hegel tirera les brillantes variations que l'on sait, se trouve au principe même de la *Science nouvelle*” (*Les origines de l'herméneutique*, Paris, Payot, 1988, VI, p. 143).

²⁶ Cfr. o excelente artigo de Jules Chaix-Ruy, “La fortune de J. B. Vico”, in *Campanella e Vico*, Archivio di Filosofia, 1969, p. 133. Fauriel conheceu, em 1819, a obra do napolitano através de Manzoni, em interessantes circunstâncias (v. *ibid.*, p. 134). O divulgador Victor Cousin, por outro lado, conheceu-a através de Pietro de Angelis.

Donoso Cortès, se foi num primeiro momento o introdutor na vizinha Espanha do co de Michelet (para quem *o homem é o seu próprio Prometeu*)²⁷, num segundo momento (de que é paradigma a *Carta ao Cardeal Fornari*)²⁸ foi o representante de um catolicismo bem inspirado em Vico. Deu-o a conhecer a Montalbert e a Louis Veuillot e través destes, a Fustel de Coulanges, cuja *Cité antique* retoma quase passo a passo os mas maiores da *Scienza Nuova*.²⁹

O discípulo de Condorcet, Auguste Comte recomendou a J. S. Mill a doutrina filológica e sociológica de Vico, incluindo-o no calendário positivista. Proudhon, Buckle e aine referiram-se-lhe, como Le Play, Pareto e Sorel. Marx recomendou-o a Lassale, indo-o como o fundador da história da tecnologia social humana.³⁰

Wilhelm Dilthey, nos seus escritos sobre psicologia e teoria do conhecimento, (1883) considerou propôr-se a *Scienza Nuova* uma metafísica do mundo espiritual ou uma metafísica do género humano, procurando assim captar as forças originárias produtoras a história, através de uma concepção filológica capaz de ultrapassar o método comparado dos antigos pela amplitude de materiais e respectiva elaboração científica desde ponto de vista histórico-universal desenvolvido por Clemente e Agostinho. No que, segundo Dilthey, é Vico bem sucedido sobretudo graças à sua faculdade (“que deve à energia da sua grande alma solitária”) de compreender o primitivo estado anímico heróico e bem assim, os seus modos de expressão poético-metafóricos. Mediante um mais amplo método comparado, procura o autor da *Scienza Nuova* encontrar aquilo que é comum a todos os povos, a lei universal segundo a qual, onde quer que seja, se desenvolvem paralelamente as suas fases, uma época de deuses, outra de heróis e uma humana, sucedendo-se em todas as nações. Assim, constata Dilthey com Vico a presença assina-

²⁷ Particularmente nos escritos de Cortès de 1838. Que haja, de facto, “um Vico de Michelet”, era o que levava Herdiano a mencionar, numa carta a O. Martins, com singular expressão, “Vico e Herder como a Itália e a Alemanha os geraram, e não como os aleijaram e embaiucaram os cabeleiros franceses.”

²⁸ Carta de 19.6.1852. Na introdução da recente tradução francesa desta carta (*Lettre au Cardinal Fornari et textes annexes*, Lausanne, L'Age d'Homme, 1989, p. 32), A. Coyné inclui estas palavras de D. Cortès: “Les révolutions sont les phares de la Providence et de l'Histoire. Des hommes qui ont eu la chance, ou le malheur, de vivre et de mourir en des temps paisibles et tranquilles, on peut dire qu'ils ont traversé la vie et qu'ils sont parvenus à la mort sans sortir de l'enfance. Seuls ceux qui, comme nous, vivent au milieu des bourrasques sont dignes de revêtir la toge virile et d'affirmer d'eux-mêmes qu'ils sont des hommes.”

²⁹ Cfr. Chaix-Ruy, *op. cit.*, p. 144, acerca da relação de F. de Coulanges e Vico.

³⁰ Cfr. nota na principal obra do discípulo de E. Gans, que provavelmente lhe sugeriu a leitura de Vico. Por outro lado, a carta de Comte mencionada, de 1844, é esclarecedora das relações do fundador do positivismo com o pensamento de Vico. Por outro lado ainda, foi Teófilo Braga, como é sabido, quem, entre nós, tentou harmonizar os pensamentos de ambos. Da *Poesia do Direito às Modernas Ideias*, vale a pena acompanhar, entretanto, a constante relação com a *Scienza Nuova*, que se singulariza além dos influxos de Michelet, de Comte, de Hegel. Em palavras que parecem, entretanto, ponderar o moderno positivismo, escreve José Marinho: “O homem que se toma a si próprio como fim é considerado, em geral, como um néscio e dia virá em que ele próprio o verifique. Mas esta humanidade que se tomou a si própria como fim supõe-se sábia. Já do longes do suposto passado se levantam não só os velhos deuses, mas os vultos fantasmáticos dos homens de outras eras. Já erguem suas fontes meditativas sobre o horizonte ainda velado para a maioria, já alguns podem ver como nos contemplam. Em breve nos julgamos. Mas é de crer que nada digam. É de crer que se contentem de soltar à nossa volta imensa gargalhada. Depois sumir-se-ão de novo, deixando esta estúpida humanidade com sua ciência pequenina e perigosa, sua arte frustrada, sua magra filosofia, cumprir o lóbrego destino para que se adianta inconsciente” (*Aforismos sobre o que mais importa*, Ed. J. C. Rivera, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994, XLVII, p. 215).

lada, nos começos de todos os antigos povos pagãos, desses Hércules fundadores de nações, seres de predominante força sensorial e de enormes fantasias (“nisto se fundando a sua profunda exposição dos costumes heróicos e do carácter metafórico do pensamento primitivo”). Donde a afirmação de Dilthey de que foi Vico o primeiro a dar-se conta da diferença psicológica entre os homens consoante as épocas, daqui derivando (“com ímpar força divinatória”) as suas deduções acerca de Homero, da primitiva história romana e das primitivas fases da religião, do direito e da literatura. Na perspectiva de Dilthey, ocupado com a questão da individuação, o método comparado de Vico encontra os seus limites no facto de se referir unicamente ao *comum* do desenvolvimento dos povos, conforme essa tendência do século XVII para o “comum a todas as nações”.

A distinção entre as ciências do espírito e as ciências da natureza, bem como entre a *compreensão*, entregue à hermenêutica, e a *explicação* mais ou menos positiva, são temas decisivos da gnoseologia e da epistemologia de Vico, que reconhece o saber de ciência, bem como a prática da prudência, na convergência entre os princípios noéticos e os dados empíricos do mundo cívico e psicológico.

Spengler e Heidegger, cujas afinidades com o pensamento de Vico são evidentes, não o referem, ao contrário dos seus discípulos. É numa pedagogia eticamente direccionada para o sentido comunitário, tradicionalmente veiculados pela *eloquentia*, que a hermenêutica de Gadamer reconhece em Vico e na tradição latina da palavra, bem como no romantismo alemão, a suplantação do objectivismo iluminista e o tipo de experiência a que corresponde a nova articulação autocompreensiva das ciências humanas. À *condition humaine* não corresponde o extremismo dogmático de uma motivação racional, segundo o autor de *Verdade e Método* (1960), e à planificação abstracta da certeza da ciência moderna, haverá que contrapor o superior factor definitório social da arte condutora da *polis* e da *res publica*, cuja aplicação ao *circunstancial* e ao *concreto*, de novo ligada a uma *tópica*, agora atenta aos *afectos* e ao *instinto*, à *memória* e à *fantasia*, à jurisprudência do *bem* e do *mal*, deverá ser a *prudencia* a guiar, fundamentando o *sensus communis*. Ernesto Grassi, um dos grandes promotores da recuperação do pensamento de Vico no século XX, apontou, à diferença da inaugural “clareira do ser”, *lichtung*, mencionada por Heidegger, outrossim a “clareira de Hércules”, o *luco*, donde parte a meditação da *Scienza Nuova*, e em torno do qual, com efeito, roda. O *luco*, aberto ao rubro por Hércules na selva, é o lugar do primeiro altar, encimado pelo fogo e pela água, *locus* onde principia a civilização e a humanidade e onde dá entrada o ser na “história”, *luco* esse de que há primordial representação na linguagem metafórica de todos os mitos. Segundo Grassi, a verdadeira tradição humanista (a que o desconhecimento e a insuficiência filológicos da ideologia anti-latina são estranhos), atenta à linguagem noética do *mythos*, na poesia e na retórica, bem como ao *pathos* que tem por *terminus ad quem* o homem, “não perdeu a memória”, ao contrário da linguagem metafísica e discursiva da lógica e do racionalismo. O apelo de Grassi dirige-se ao que os antigos chamavam *noein* e os latinos *ingenium*, esse *saper vedere*, “através da metáfora”, derivado da potência da *imagem originária* e voltado para as *coisas divinas e humanas*, únicas capazes de fundamentar e bem sustentar uma comunidade.

Ernst Cassirer considerará Vico nada menos que o fundador das *Geisteswissenschaften* (1902), as ciências humanas e do espírito, achando nas suas obras “um novo *Discurso do método* aplicado, em vez de às matemáticas e à física, antes à história” (1935), nele vendo

o fundador da filosofia da história, tal como da moderna filosofia da linguagem, e “o verdadeiro descobridor do mito.”³¹

Ainda há pouco, reparou George Steiner, em *Antígonas*, que *a compreensão do mito não avançou em termos fundamentais desde os primórdios da moderna experiência do mítico, assinalados pela Scienza Nuova em 1725*. E Phillip Verene, na sua *Vico's Science of Imagination*, escreveu que a “*New Science* contains a theory of knowledge not to be found elsewhere in Western philosophy.”³²

Joyce constatou que Vico antecipara Freud (1911) e mais tarde, admirando o seu recurso à etimologia e à mitologia para encobrir o significado de eventos, *como se os eventos fossem as mais superficiais manifestações de energias subjacentes*, notou que a sua *imaginação crescia ao lê-lo*, coisa que não lhe acontecia ao ler Freud ou Jung (1924). Foi talvez por isso que pôde Leopardi escutar no *De antiquissima italorum sapientia o canto notturno di un pastore errante dell'Asia*. E foi talvez também por isso que Paul Valéry, atento à lei dos ciclos e pois, ciente de que “*le monde social, le monde juridique, le monde politique sont essentiellement des mondes mythiques*”, mencionou, por outro lado, a barbárie a que a ciência positiva reconduz os humanos, a breve trecho (escrevia o poeta nas primeiras décadas do século XX) postados numa “*société animale, une parfaite et définitive fourmilière*.”³³ Também Dostoievski e o seu amigo Vladimir Soloviev circunvizinharam essa *scientia* tão nova quão antiga.³⁴ Como Joyce, Jorge Luís Borges e Carlos Fuentes desenvolveram nas suas obras “temas viquianos”.

Collingwood, que traduziu a obra do seu amigo Croce sobre Vico, escrevia acerca de quem houver tido proximidade com o pensamento de Vico, que “*deve ter ficado a saber que o problema mais importante a propósito de qualquer afirmação contida numa fonte não é verificar se ela é verdadeira ou falsa, mas descobrir o que significa*.”³⁵

“Explorador ocidental pioneiro no estudo comparado das civilizações”, “*the most original and imaginative of any so far*”, quer com Vico perfilhar Toynbee “*uma compreensão dos mitos com contendo as verdades essenciais da história*” (1961).

Segundo Eric Voegelin,

“*The will to overcome disorder has remained the driving force of the great systems, of the Christian of Saint Augustin and Saint Thomas, and of the later systems originating in the sphere of the national state, until with Giambattista Vico the imaginative creative forces become themselves topical and are so to this day in the great body of science concerned with the theory of social and political myths*.”³⁶

³¹ Cfr. CASSIRER, E. *Symbol, Myth, and Culture*, New Haven and London, Yale University Press, 1979.

³² VERENE, D. P. *Vico's Science of Imagination*, Ithaca, Cornell University Press, 1981, p. 69. No sentido da compreensão dessa “teoria do conhecimento”, deve, porém, notar-se a insuficiência da orientação decorrente do idealismo kantiano, como a de Cassirer, mestre do actual presidente dos *New Vico Studies*, cuja obra admirável aqui citamos.

³³ E no seu *Faust*: “*Sais-tu que c'est peut être la fin de l'âme? Cette âme qui s'imposait à chacun comme le sentiment tout puissant d'une valeur incomparable et indestructible, désir inépuisable et pouvoir de jouir, de souffrir, d'être soi que rien ne pouvait altérer, elle est une valeur dépréciée. L'individu se meurt. Il se noie dans le nombre. Les différences s'évanouissent devant l'accumulation des êtres*” (Cfr. Chaix-Ruy, *op. cit.*, pp. 146-148 e nota).

³⁴ A. Gungov, “*Vico's Presence in the Intellectual World of Eastern Europe and Russia: An Overview of the Literature*”, in *New Vico Studies*, vol. X, New York, The Institute for Vico Studies, 1992, pp. 11-23.

³⁵ Collingwood, *A Ideia de História*, Lisboa, Presença, 1986, p. 319.

³⁶ Voegelin, *The Nature of the Law and Related Legal Writings*, Baton Rouge and London, Louisiana State University Press, 1990, p. 108.

É na *mente heróica* que Voegelin encontra a *substância* do percurso cíclico referido pelo platónico partenopeu. E é decerto dirigindo-se-lhe que escreve:

“Vico’s admirably perceptive caution to exempt the Mosaic-Christian line of meaning in history from his law of the *corso* is apparently not considered a warning to be heeded.”³⁷

Em *O Pensamento Europeu no Século XVIII*, Paul Hazard deixou escrito que se os nossos antepassados daquele século tivessem lido Vico,

“Não teriam considerado a razão mas sim a imaginação como nossa faculdade primordial, pois a razão, visitante tardia, apenas conseguira ressequir a nossa alma; e tê-los-ia talvez assaltado a nostalgia dos nossos paraísos perdidos. Não teriam talvez acreditado que era necessário iluminar a terra à superfície, mas antes que a explicação das coisas vinha dos abismos do tempo. Não teriam acreditado que nos dirigíamos em linha recta para um futuro melhor, mas antes que as nações estavam submetidas a eventualidades, arrancando-as à barbárie para as conduzirem em direcção à civilização, reconduzindo-as da civilização à barbárie. E teriam sido subvertidas todas as suas ideias, toda a sua concepção do mundo.”³⁸

Compreende o leitor que dificilmente há lugar numa dezena de páginas para mais do que alguns acenos e um modesto e mais ou menos desajeitado cintilar de perspectivas. Entre estas, mais importa memorar o menos atendido, que nem sempre é o pior. Como diz um intérprete de Vico, a sua obra parece sempre estar por ler. O principal é, pois, lê-la, que é vasta. De preferência, em *transcurso*. Na era da antropologia e da sociologia, a proposta de Vico, anteposta à modernidade que ainda dura, é nada menos do que um *recurso do método da nova scientia*.

Cumprir recordar que os Homens pios, castos e fortes, a que Vico alude no início e no fim da *Ciência Nova*, estão presentes na idade dos deuses, na idade dos heróis e na idade dos homens.

Álvaro Ribeiro escreveu que “Vico era o representante de uma filosofia peninsular em reacção a uma filosofia continental que, no século XVII com o cartesianismo como no século XVIII com o enciclopedismo, sempre tem pretendido assumir hegemonia na cultura europeia. O anticartesianismo dos povos insulares e peninsulares, orientado segundo o pensamento de Vico, seria a libertação fecunda de um falso e abstracto universalismo.”³⁹

³⁷ Voegelin, *Order and History*, Baton Rouge and London, Louisiana State University Press, 1980-3, vol. III, p. 317. e vol. IV, p. 5, nota.

³⁸ HAZARD, P. *O Pensamento Europeu no Século XVIII*, Lisboa, Presença, 1989, pp. 42-43.

³⁹ RIBEIRO, A. *Os positivistas*, Lisboa, Guimarães, 1951, p. 60. O galego F. E. de Tejada escreveu: “El renacimiento, nacido de las novedades proporcionadas por las gestas de los descubrimientos hispánicos – o autor refere-se aos feitos dos portugueses, a que se seguiram os dos espanhóis -, encuentra en las Españas sus fórmulas mejores en lo que respecta a la teoría del saber. Cuando [...] consideremos la figura epigonal de Giambattista Vico, veremos fue el poster pensador de las Españas; pues su teoría del saber ayunta la verdad con el hecho, la tópica con la realidad, la metafísica con la historia, la fe con la razón, en el poster sistema producido por las Españas (uma vez que Nápoles esteve sob a coroa espanhola) y que él erguirá frente a la triunfante Europa como última trinchera aguerriada del maravilloso equilibrio de la teoría hispánica del saber. Por español, al último sistema equilibrado nacido sobre el suelo intelectual del Occidente” (*Tratado de Filosofía del Derecho*, Sevilla, Universidad de Sevilla, 1974, t. I, p. 246).

Este filósofo português viu ainda que “a poesia é, para Aristóteles, mais verdadeira do que a história. Mas a filosofia da história, nas grandes linhas traçadas por Vico, é propícia à formação de grandes poemas e à epopeia da humanidade.”⁴⁰

Assim, escreveu Afonso Botelho,

“Por isso duas tradições, uma do pensamento que se prostitui em apropriação, outra do pensamento que se enobrece pelo Amor, se mantêm em oposição de princípios. E mesmo quando um filósofo da burguesia, como Descartes, parece subordinar para sempre a cultura a um pensamento expurgado da comunhão amorosa, Vico religa a aparência do quotidiano à *Idade de Ouro* e oferece a *nova ciência* aos que procuram a arquetípica relação perdida. Parece residir nesse constante progresso e regresso, nesse trânsito e recurso, do pensamento relativamente à sua origem imagética, nesse caminhar secreto dos ‘cavaleiros do Amor’, a própria filosofia como procura de liberdade.”⁴¹

⁴⁰ RIBEIRO, A. *op. cit.*, p. 163.

⁴¹ BOTELHO, A. *Teoria do Amor e da Morte*, Lisboa, Fundação Lusíada, 1996, p. 24.